



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

“SOU DA BEIRA DO MADEIRA”: INTERFACES ENTRE JUVENTUDE E GÊNERO NA ÁREA RIBEIRINHA DE PORTO VELHO- RO

Elisângela Ferreira Menezes¹

*“Chegará um dia talvez
Em que eu vou me alegrar
Amazônia verde e feliz
Sem ter mais por que chorar.”
(Timaia).*

1.0 Introdução

“No banheiro das águas Barrentas do Madeira”: o contexto da pesquisa

Neste breve trabalho buscaremos esboçar sobre o contexto da cultura ribeirinha de Porto Velho, suas origens e desenvolvimento, particularidades e dilemas enfrentados por essa população atualmente. Este artigo visa colaborar com uma breve relato da experiência vivenciada no campo de pesquisa com a juventude ribeirinha de uma comunidade localizada no município de Porto Velho-RO. O mesmo faz parte da pesquisa de Mestrado em Geografia realizado entre 2012 e 2014. O campo de pesquisa se localiza no Distrito de Nazaré e Boa Vitória, uma comunidade ribeirinha que fica há 150 km da capital Porto Velho. Pretende-se esboçar sobre o campo de pesquisa que traz consigo peculiaridades e particularidades da vida ribeirinha na Amazônia, tendo como pano de fundo as relações de gênero sendo esse produto e produtor de sentidos que pulverizam as relações sociais.

Diante do supracitado, os objetivos deste artigo são de colaborar para uma discussão sobre as pesquisas de Populações Tradicionais, especificamente a população ribeirinha. Identificar os aspectos da juventude ribeirinha e as questões de gênero e sua relação de construção e reconstrução da identidade. Como aporte

¹ Cientista Social- Mestre em Geografia e Doutoranda em Geografia. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Rondônia.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

teórico de pesquisa foi resultado de diálogos de diversas áreas e discursos teóricos como Nascimento Silva (2004); Motta-Maués (1993); Abramovay (2003); Fraxe (2005), entre outros.

As populações ribeirinhas de Porto Velho são marcadas por sua identidade e invisibilidade, a primeira é reflexa de grandes movimentos migratórios que ocorreram na região no fim do século XIX e que também mesclam com a vivência entre os indígenas da região. Como apontado por Terezinha Fraxe “*O homem amazônico é fruto da confluência de sujeitos sociais distintos — ameríndios da várzea e/ou terra firme, negros, nordestinos e europeus de diversas nacionalidades (portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, etc) — que inauguram novas e singulares formas de organização social nos trópicos amazônicos.*”(2009, s.p)

E são estes sujeitos sociais que motivam a pesquisa em questão. Pois na tentativa de entender suas vivências podemos compreender suas práticas e como significam essas práticas, simbolizam esses elementos no seu cotidiano de vida. Quando se trata da invisibilidade, os discursos sobre a Amazônia tentam mostrar somente seus aspectos ambientais de fauna e flora, porém os sujeitos que ali vivem sobre com os silêncios e ausências, como se ali não houvesse presença humana.

O Distrito de Nazaré é uma comunidade que tem características próprias das ocupações do Baixo- Madeira. Nazaré era um antigo seringal chamado na época de Boca do Furo, era composto por 25 famílias e surgiu na década de 1940 após o fim do segundo ciclo da borracha. Portando, a partir das antigas estruturas do seringal Boca do Furo em que havia o barracão e as tabernas onde os seringueiros pegavam os alimentos, foi formando um pequeno vilarejo com estrutura comunitária que contava com escola, posto de saúde, igrejas católicas e evangélicas, associação de produtores, casa de farinha comunitária, alguns pequenos comércios, centro comunitário e cemitério. (LIMA; SOUZA, 2002, 171).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Dentre os dilemas mais recentes enfrentados pela Comunidade é com as usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau que tem prejudicado suas atividades produtivas como a pesca e o plantio das roças que é feito nas várzeas. Com o projeto de desenvolvimento capitalista e agressivo tem modificado o ritmo de vida das populações tradicionais, e os mesmos resistem em não sair de suas propriedades, esse movimento de resistência é possível identificar em toda região do Baixo-Madeira. Quando a pesquisa foi realizada em 2014, o Rio Madeira passava por uma cheia histórica que destruiu de boa parte das casas de Nazaré, a população, porém se recusou a sair da comunidade, ficaram acampados na escola e houve alguns relatos de tentativa de suicídio de moradores pelo desespero e tristeza da situação que passavam.

A população também enfrenta mazelas sociais entre seus jovens que é o consumo de drogas e bebidas alcoólicas, salientou-se um tema polêmico, mas que preocupava os pais, jovens e as pessoas mais velhas da comunidade, visto que, era o crescente uso de drogas e bebidas alcoólicas, a preocupação dos pais é com os adolescentes e jovens que no caminho da escola estavam fazendo o uso de drogas, o aumento de estabelecimentos que vendem bebida alcoólica também foram problemas colocados pelos próprios moradores.

2.0 Desenvolvimento

2.1 Percorrendo aos caminhos metodológicos: “é preciso remar,...”

O aporte metodológico deste artigo foi alicerçado nas ideias de Kozel (2009); Baktin(1986); no diálogo com a filosofia temos Dardel(2011); Bachelard(1983); Bollnow (2008); Buttmer (1985). Tais autores trazem a contribuição da fenomenologia aplicada a pesquisa geográfica, esta elucida uma experiência humana no espaço, nesse sentido o espaço é o lócus da experiência humana, Buttmer menciona (MINKOWSKI, 1993, p.400) coloca que “ Nos vivemos e atuamos no espaço e nossas vidas pessoais, tão bem como a vida social da Humanidade, desdobram-se no espaço”. O autor destaca que a visão geométrica e



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental

VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

matemática não é o fator principal de compreensão do espaço, mas ele pode ser entendido como perspectiva a fim de viver.

No sentido de entender melhor a relação entre a fenomenologia e a geografia nos propomos a analisar a ligação dos ribeirinhos com o conceito de lugar, colocamos esses elementos em nossos entendimentos acerca do que representa a Terra para nós. Quer dizer que nossa relação com o mundo vai além da relação material com a Terra, o meio ambiente passa a ter um valor simbólico e ressoa nossas vivências. Antes de entender o que representa o lugar na geografia, devemos entender o sentido de estarmos nele, a Terra que nos serve para tantas coisas, no sentido concreto, em que nos produzimos, nos alimentamos do que ela produz, construímos nossas casas, estabelecemos com ela laços que vão além da materialidade. Freire (2013) nos embasa que na Terra construímos a nossa habitação.

O homem habita a Terra. Mas o que é a Terra? Uma simples matéria onde ponho meus pés? E se assim for, como ponho meus pés? Como pisamos sobre cada pedaço de terra da Terra? Nós habitamos – e habitar é muito mais que simplesmente pisar. Habitar é colocar sobre o solo toda a nossa subjetividade (DARDEL, 2011). Nós não vivemos pra pisar, mas para habitar um lugar na Terra. (FREIRE, 2013, p. 73).

Sem dúvida, a terra é o um elemento agregador de valores, assim, vários outros teóricos se elucidaram sobre essa questão do “habitar” Heidegger (1954) e Buttner (1982) e Dardel (2011) colocaram em seus escritos essa perspectiva acerca da habitação humana. Entretanto, a partir da ideia de um elo afetivo entre o indivíduo e a terra, nasce a concepção do Lugar. Este teve com lente de análise o método fenomenológico,

Dardel em sua obra “L’Homme et la terre- nature de la réalité géographique” (1990), elucidou sobre a constituição do lugar a partir de uma visão diferenciada de espaço. O espaço geométrico não contempla todas as definições dentro da geografia, portanto, ele olhou fenomenologicamente o espaço, e mostrou que a partir do corpo e o suporte onde ele se instala, constituiria o espaço primitivo, assim, seriam estabelecidas categorias espaciais como lugar e a paisagem (HOLZER, 2012, P.170). Tuan sob o olhar humanista demonstrou que o lugar é



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

resultado da experiência e possui várias escalas: o lar, a vizinhança, a cidade, a região e o estado-nação. (idem, p.171). No seu livro “Espaço e Lugar” (1983), essas questões básicas sobre a experiência humana, as escalas e seus valores, o espaço mítico, a relação entre o tempo e o lugar e as relações intersubjetivas. Isso mostrou a importância que o lugar aliado a uma visão fenomenológica pode auxiliar na pesquisa geográfica, dessa forma, Tuan mostra que:

A importância do „lugar” para a geografia cultural e humanística é ou deveria ser, óbvia [...] como um único complexo conjunto- enraizado no passado e incrementando-se para o futuro, o lugar clama pelo entendimento humanista. (TUAN, 1974, s.p).

Portanto, é inegável que a fenomenologia e a ideia de lugar têm proximidades, complementam-se, e ajudam a entender a ligação do homem com a terra. Nesse ponto, este olhar nos ajuda a compreender a essência dessa ligação. Através da nossa observação no trabalho de campo, foi possível perceber um elo criado entre os moradores de Nazaré e o lugar, a terra, tudo que os rodeia; as plantas, as casas, o rio, outros moradores próximos. Enfim, um conjunto de elementos constitui a noção de lugar. Com o aporte da fenomenologia e o entendimento do lugar será possível captar essas essências subjetivas. Como aporte metodológico de procedimentos metodológicos foram utilizados relatos de jovens entre 15 e 29, questionários abertos e mapas mentais.

Os mapas mentais² foram utilizados na pesquisa, na perspectiva de captar por meio de uma linguagem diferenciada, ou imagética, pois revela o lado da imaginação através dos sentidos, ela é construída da junção dos sentidos vivenciados. Nesse sentido temos as representações do lugar sob o olhar dos jovens ribeirinhos. Nesse sentido os mapas servem como aporte teórico-metodológico ancorado na sociolinguística sobre o espaço e sua apreensão/representação. (KOZEL, 2007, p.114) Assim, os indivíduos criam imagens que refletem uma construção social. A Professora Salete Kozel propõe o uso dos mapas mentais na geografia com intuito de captar por meio de uma linguagem diferenciada as vivências dos indivíduos e sua relação com o espaço. Kozel compreende que “o

² Foi aplicado 40 mapas mentais com jovens da Comunidade de Nazaré. Moças e rapazes entre 15 e 29 anos.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

mapa mental é um enunciado que advém de relações dialógicas estabelecidas entre interlocutores no contexto socioespacial”. Assim, ela entende que “Por meio da linguagem, O sujeito se expressa, expõe seu mundo vivido. E, sem dúvida, os mapas mentais são de suma importância no campo das representações e a construção de significados espaciais”.(2009, p.127).

2.2 Representações de gênero e Juventude Ribeirinha: Os fixos e fluxos socioculturais

As representações de gênero e juventude de Nazaré estão intimamente ligadas com suas construções socioculturais. Quando se trata da juventude, pode-se entender que as fases da vida estão atreladas à processos historicamente e culturalmente construídos. Por isso, o momento de refletir sobre uma dada fase da vida, requer uma visão macro do processo histórico e espacial da realidade. As fases da são marcadas por “ritos de passagem”, esses eventos remetem a uma transição de um momento da vida. O nascimento, a menstruação, casamento, primeiro emprego, enfim. Construimos e marcamos essas fases em nossa vida com elementos subjetivos e objetivos entrelaçando o cotidiano do nosso espaço vivido.

Pensar em transições das fases da vida em culturas diversas significa pensar de que forma elas interagem com as mudanças ocorridas em uma escala maior, convivendo em um mundo globalizado, e capitalista. Possivelmente, podemos encontrar heterogeneidades nas formas de ver e pensar cada fase de vida do indivíduo. Igualmente, pode-se observar que nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, esses processos podem apresentar características próprias, isso não significa afirmar os jovens também não interagem com outras culturas, mas a partir de referências urbanas, pode-se expressar práticas de assimilação e rejeição. Portanto, a juventude rural está marcada por elementos de mudanças e permanências.

Essa manifestação particular e muitas vezes contrária ao projeto desenvolvimentista da modernidade é colocada pela literatura de “identidade



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

cabocla"³, as sociedades caboclas tem como características básicas; viverem às margens dos rios e terem flexibilidade e resiliência. (HARRIS, 2006, p.81). Dessa forma, Harris coloca que "O caboclo vive, ou vivia, predominantemente em comunidades ribeirinhas de parentesco. Essa cultura e sociedade emergiram algum tempo antes da Cabanagem" (2006, p.82). Partilhamos da ideia do autor de que ao tratar da cultura cabocla ribeirinha como rígida com uma fronteira étnica, não cabe como análise deste segmento social. Os ribeirinhos interagem e aglutinam elementos de outros modos de vida, sem perder suas características essenciais.

Ao tratar sobre as questões de gênero em Nazaré, elucidam-se ao conceito que remete as representações do ser em uma sociedade, homem, mulher, gay, lésbica, transexual. São identidades marcadas por elementos socioculturais. Buscamos entender alguns elementos importantes para a vida das moças e dos rapazes que sobre suas questões que refletem em suas vivências. Sobre a permanência na comunidade, percebe-se que surge o desejo de ficar na comunidade, mas sem abrir mão dos estudos e da formação profissional, mas em outros há a vontade de sair e tentar uma vida na cidade, os caminhos escolhidos muitas vezes levam os jovens a buscar na cidade uma saída para as dificuldades que eles encontram para estudar em Nazaré. Tanto nas respostas das moças como dos rapazes percebe-se o desejo de ficar na comunidade, mas ao mesmo tempo tem o desejo de trabalhar e ter uma profissão, ou seja, ter um sucesso na vida profissional. A realidade das comunidades rurais está atrelada ao trabalho com a terra. No caso de Nazaré está presente o cultivo principalmente da melancia e mandioca, percebemos que dos jovens não demonstra o interesse de continuar a profissão dos pais. As relações de gênero ligado ao trabalho mostra que há uma desigualdade no reconhecimento da importância do trabalho da mulher, elas em muitos casos acumulam várias atividades durante o dia, e na maioria das vezes o seu trabalho é considerado somente uma ajuda. Desse modo, há uma disparidade e

³ Essa expressão pode ser encontrada em Murrieta (2001); Nugent (1997); Moran (1974).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

assimetrias entre trabalhos de homem e trabalhos de mulheres. Em uma análise sobre o trabalho feminino Nascimento Silva (2011, p.141) coloca que:

Além da responsabilidade de todo trabalho ligado à casa, as mulheres Trabalham nas atividades da agricultura juntamente com seus companheiros. Embora elas desempenhem atividades na lavoura juntamente com homens, seus companheiros consideram a atuação feminina no trabalho agrícola como “ajuda” e não propriamente como um trabalho produtivo. Isso se reflete nas tomadas de decisões sobre a propriedade que, em geral, são masculinas. O trabalho da mulher rural continua sendo considerado apenas na esfera reprodutiva, invisível e desvalorizado; já o trabalho do homem é ligado a produção e a comercialização, angariando expressão monetária, o que gera valorização na sociedade.

Temos então a expressão dos jovens em relação ao trabalho produtivo, as mulheres por um lado tem dificuldade de se sentirem valorizadas trabalho na terra, por ainda imperar o pensamento patriarcal e sexista dentro do âmbito familiar, e por outro lado, os homens também expressaram que querem seguir outros caminhos profissionais, por mais que fiquem em Nazaré. Ainda é muito recente a ideia de empoderamento feminino na comunidade, por isso as relações ainda tomam esse viés sexista. Sobre os jovens rurais Brumer (2007, p.39) salienta:

Outro aspecto apontado pelas pesquisas sobre os jovens rurais é a predominância de moças e rapazes que saem das áreas rurais, levando à relativa masculinização do campo. Assim, existem diferenças nos processos de socialização e nas oportunidades de inserção na atividade agrícola para os rapazes e moças.

Então, diante do supracitado, a realidade que mostra que as mulheres saem mais de casa que os homens, mas não é somente isso, Brumer coloca que *“eles e elas se diferenciam-se também pelas representações sobre a vida no meio rural, sendo as moças mais críticas e com posições mais negativas do que os rapazes.”*⁴

De um modo geral, há uma desvalorização do trabalho agrícola gera também uma descontinuidade, pois os jovens não querem continuar as atividades dos pais. Permanece quem é trabalhador rural é visto como inferior ao restante dos trabalhadores. Por isso, há certa resistência entre os jovens de buscarem seu

⁴ Idem, p.39.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

sustento por meio do trabalho agrícola, pela pesca ou extrativismo que são atividades características dos ribeirinhos. Há uma identificação com as práticas tradicionais da comunidade, mas há também certa negação de expressar suas particularidades, por medo e vergonha de ser discriminado pela população urbana. Esse fato não significa que eles rejeitem a vida do campo, mas como aborda Wanderley (2000), a vida no campo é um espaço de vida singular, constituído a partir de dinâmicas sociais internas e externas que aproxima os membros de uma comunidade rural, porém interage com as complexidades da vida moderna em espaços urbanos.⁵

Há também uma tendência dos rapazes se envolverem mais nos trabalhos dos pais, enquanto as moças se restringem ainda a atividade doméstica, quando estávamos percebemos no trabalho de campo que as moças saem pouco de casa, a elas são atribuídas atividades que lhe restringem ao espaço da casa,

Outro dado interessante sobre a vida juvenil de Nazaré é a representação do futebol dentro da vivência tanto de rapazes como das moças, isso mostra que o futebol se constrói como um traço da identidade ribeirinha para ambos os gêneros. Além disso, tem-se desconstruído a imagem do futebol como um esporte propriamente masculino e por muito tempo essa atividade era negada às mulheres. Essa exclusão das mulheres do espaço do futebol fez com que as mulheres não tivessem o interesse por esse esporte.

Tanto mais nítida é a diferenciação dos papéis em dado contexto social, mais intensamente os jogos haverão de reproduzi-las, razão pela qual é recomendável estar atento para o valor atribuído à dada modalidade de jogo e, sobretudo, à sua conotação (ou não) em termos de masculino, feminino ou misto. É pelo fato de que se naturalizou, entre nós, o futebol como prática masculina, que se espera, de meninos e meninas, atitudes diferenciadas (DAMO, 2006, p. 2).

Nesse sentido, é importante perceber que o futebol representa divergências e o preconceito de gênero, sobre isso percebemos que, *“a participação das mulheres no futebol é cercada por preconceitos socioculturais.”* Batista; Deivid (2009, s.p). Essas integrações das moças com o futebol mostram que mudanças

⁵ Brumer, (2007, p.38)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

tentando capturar o homem. Ademais, temos clara que as representações acerca do lugar habitado em Nazaré, refletem um conjunto de elementos dos quais as questões de gênero propiciam entender que as moças e os rapazes vivenciam este lugar de formas distintas, mas, ao mesmo tempo compartilham em conjunto vivências comuns, entre os amigos e familiares. O lugar é o palco das representações onde transitam as identidades femininas e masculinas.

2.3 “O ser beradeiro”; a vida e a rotina da vida em Nazaré

A temporalidade da vida ribeirinha é diferenciada, para alguns chamam de “lentos” ou “descansados”, pois não vivem a correria da vida urbana e capitalista, não se preocupam em acumular bens, há um processo de interiorização de práticas tradicionais. A vida ribeirinha tem uma relação íntima e diferenciada com o rio, eles fazem parte de suas construções simbólicas e também oferece elementos da vida material, como peixes e plantas, com isso criam um laço com o lugar, o espaço em que vivem faz parte do imaginário e é marcado por uma forte afeição pelo espaço habitado. Nesse entendimento, Nascimento Silva (2004, p.22) coloca que:

(...) os ribeirinhos que organizam seu modo de vida segundo movimento das cheias e vazante dos rios, lagos, paranás, igapós, furos e igarapés. Cada uma dessas categorias possui sua própria forma de se organizar e produzir seu espaço. O modo de ser ribeirinho está caracterizado por uma concepção de natureza diferente, por integrar em seu modo de vida os elementos essenciais disponíveis: as águas e as matas e desses elementos estabelecer suas estratégias de sobrevivência, seus valores éticos, estéticos e seus sonhos.

Nesse aspecto, o viver “ribeirinho” está condicionado não somente em morar à beira do rio, mas, sobretudo está apoiada em vários elementos materiais e imateriais característicos do seu modo de vida. Seu olhar e percepção de mundo são diferenciados. O ser beiradeiro em Nazaré possui uma conotação diferente, ele não vive isolado do restante do mundo, portanto sua identidade não é cristalizada, mas cultiva forte ligação com a vida ribeirinha, ou seja, morar à beira do rio significa não somente uma relação com a natureza, mas um modo de ser que recusa as amarras do alto consumo de bens e serviços, isso não significa que eles recusam o uso dos objetos considerados “modernos”, mas a sua relação com eles é diferente.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul- Ocidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Em Nazaré a juventude está cada vez mais ativa e empoderada de sua importância e identidade, foi com esse foco que procuramos saber mais sobre o Grupo Musical “Minhas Raízes”, que foi formado por iniciativa de uma família moradora da região e cumprem um importante papel de resistência ribeirinha, atualmente tem destaque por mostrar a cultura ribeirinha do Baixo- Madeira. As músicas são composições próprias que relatam sobre as histórias, lendas e a reivindicação de preservação ambiental e cultural. Eles fabricam seus bio-instrumentos musicais, são instrumentos feitos de produtos oriundo da floresta, e outros de materiais recicláveis. O intuito do grupo Minhas Raízes é valorizar a identidade ribeirinha, sem permitir que os “agentes internos” imponham sua forma de ver as populações tradicionais. Destaca-se também a importância da continuidade dessa tradição para os jovens, principalmente as festas onde o Boi Bumbá e o Sirigandô, fazem parte de uma construção social, espacial e simbólica dos moradores das regiões amazônicas.

3.0 Conclusão

Desse modo, as pesquisas baseadas nas questões culturais locais podem contribuir para uma construção de um aporte epistemológico significativo, o qual podemos identificar particularidades no modo de fazer campo e pesquisa na área ribeirinha. O discurso sobre a Amazônia muitas vezes leva a ter uma visão generalizada da vida que aqui se passa. Portanto, é importante pensar de que forma podemos analisar as várias “Amazônias” que aqui se encontram e que o estudo dessas particularidades pode contribuir para a abrangência da compreensão da cultura local e a formação da sociedade portovelhense.

Compreendemos a importância da continuidade das pesquisas com as populações ribeirinhas da Amazônia, especificamente de Porto Velho bem como aborda as questões de gênero e juventude. As pesquisas em Nazaré com enfoque de gênero baseadas nas questões culturais podem contribuir para uma construção de um aporte epistemológico diferenciado, na qual podemos identificar



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

particularidades no modo de fazer campo e pesquisa na área ribeirinha. Não só pela singularidade da vida ribeirinha, mas por identificar confluências e ressonâncias entre as assimetrias de gênero que também se refletem no espaço ribeirinho, como parte de um processo colonizador e patriarcal que se disseminou durante a colonização do Estado de Rondônia e que permanece resistente na sociedade.

4.0 Referências

- ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- ADAMS, C. MURRIETA, Rui; NEVES, Walter.(orgs) **As sociedades caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, M. Voloshinov, v.n. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1986-1999.
- BATISTA, Renata Silva; DEVIDE, Fabiano Pries. **Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina**. Revista Digital-Buenos Aires. Año 13, nº 137 Octubre de 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd137/mulheres-futebol-e-genero.htm>
- BOLLNOW, O. Friedrich. **O homem e o espaço**. Trad. Aloísio Leoni Schimd. Curitiba: UFPR, 2008.
- BRUMER, Anita. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. IN: CARNEIRO, Maria José. CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude Rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA. Antônio Carlos Christofolletti (org.). São Paulo, Difel, 1985.
- DAMO, A. S. **As dramatizações do gênero numa configuração futebolística**. Anais. VII Seminário Fazendo Gênero, Porto Alegre, UFRGS, 2006. p. 1-7.
- DARDEL, Eric. **O Homem e Terra**. Perspectiva: São Paulo, 2011.
- _____. **L'homme et la terre- nature de la réalité géographique**. Paris: Cths, 1990.
- FRAXE, Therezinha J.P. **Cultura Cabocla-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. T.J.P. **Cultura caboclo-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2005.
- FREIRE, Janaina Mourão. **Habitar a terra e a gente do lugar – uma abordagem fenomenológica para compreensão da memória de Seringueiros do Estado do Acre**. Revista Geograficidade.v.3, n.1, Verão 2013.
- HARRIS, Mark. **Presente Ambiente: uma maneira amazônica de estar no tempo**. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. Sociedades caboclas amazônicas. São Paulo, annablume, 2006.
- HOLZER, Werther. **A geografia Humanística: Uma Revisão**. IN: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL. Zeny.(orgs) Geografia Cultural: Uma antologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- KOZEL, Salette. Mapas Mentais-Uma forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas. IN: KOZEL, Salette, Org; SILVA, Josué da Costa, Org.; GIL FILHO, Sylvio Fausto, Org. **Da**



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Percepção e Cognição a Representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

_____. **As representações no geográfico.** IN: MENDONÇA, Francisco; Kozel, Salete.(orgs.). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Editora: UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1ª ed. Rev. 2009.

_____.; SOUSA, Lucileyde Feitosa. **Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante.** IN: KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué; FILIZONA, Roberto; GIL FILHO, Fausto. Expedição amazônica: Desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades Amazônicas. Curitiba: SK ed., 2009.

LIMA, Nívia Maria Martins de; SOUZA, Mariluce, Paes de. **A concepção de trabalho Ribeirinho: visão de comunidade de “Nazaré da Farinha”.** IN: SILVA, Josué Costa; SOUZA, Mariluce Paes de; FIGUEREDO, Expedita Fátima; SOUSA, Lucileyde Feitosa (orgs). Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

MENEZES, Elisangela Ferreira. **A representação do Lugar: um estudo sobre juventude ribeirinha da Comunidade de Nazaré-RO.** 2014. 134 f. Dissertação(Mestrado em Geografia). Programa de Pós- Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia Universidade Federal de Rondonia, 2014.

MINKOWSKI, Eugene. Lived Times: **Phenomenological and Psychopathological Studies** (Evanston, Northwestern University Press,1993).

MORAN, E. **The adaptive system of the Amazonian caboclo.** IN: WAGLEY, C.(Ed.). Man in the Amazon. New York : Columbia University Press, 1974.

MOTA-MAUÉS. M.A. **“Trabalhadeiras” & “Camarados”:** Relações de Gênero, Simbolismo e Ritualização numa comunidade Amazônica. Belém: UFPA, 1993.

MURRIETA, R.S.S. **Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana das comunidades ribeirinhas da ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará.** Revista de Antropologia da USP, 1998.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O Espaço Ribeirinho.** Terceira Margem, São Paulo. 2000.

_____. **Saúde no Espaço Ribeirinho.** SILVA, Josué Costa; SOUZA, Mariluce Paes de; FIGUEREDO, Expedita Fátima; SOUSA, Lucileyde Feitosa (orgs). Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

_____. **Parteiras Ribeirinhas, Saúde da Mulher e Saber Local.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará-NAE, Belém, 2004.

_____. **Geografia e Gênero em assentamentos rurais.** IN: SILVA, Maria Joseli; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro. Espaço, Gênero e Poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011.

NUGENT, S. **Amazonia: ecosystem and social system.** Man, 16: 62-74,1981.

TUAN ,Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência.** São Paulo: Difel, 1983.